



**Fotografia e loucura: um olhar sobre
a condição humana na experiência
do transtorno mental**

Luiz Carlos Bulla Júnior

Fotografia e loucura: um olhar sobre a condição humana na experiência do transtorno mental

Photography and insanity: a sight over the human condition on the experience of the mental disturbance

Luiz Carlos Bulla Júnior*

Resumo: O presente trabalho é resultado de um projeto que consistiu na realização de um ensaio fotográfico numa instituição psiquiátrica, a fim de construir um discurso imagético sobre a experiência do transtorno mental. Partiu-se do pressuposto de que a fotografia possibilita a aproximação do observador a esta realidade, por meio de uma mensagem visual que faz também refletir sobre o que significa essa proximidade, a qual não se torna restrita somente àqueles que se encontram por detrás dos muros de uma instituição.

Palavras-chave: transtorno mental; fotografia; discurso imagético; instituição psiquiátrica.

Abstract: This work came out of a project which consisted in the building of a photo essay in a psychiatric institution, in order to achieve an imagetic discourse over the experience of the mental disturbance. A presupposition was adopted, that of photography allowing the proximity of the observer to this reality, by means of a visual message. This procedure should be instrumental in making people become more concerned about the significance of such proximity, which is not confined to those who are inside of an institution.

Key-words: mental disturbance; photography; imagetic speech; psychiatric institution.

*Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá e Especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina. Professor da Faculdades Maringá.

Introdução

A idéia de utilizar a fotografia como forma de construir um discurso sobre a loucura surgiu a partir da minha formação em Psicologia. Mais especificamente no período em que cursava o 3º ano, quando tive meu primeiro contato com o tema na disciplina de Psicopatologia. Desde então comecei uma busca no sentido de fazer a junção entre a minha grande paixão, que é a fotografia, e o que me fascinava tanto naquele momento, a loucura.

Transtorno mental era algo que me intrigava e então, pela primeira vez, via próxima a possibilidade de realizar o meu ensaio, lançar meu olhar sobre esta condição humana. Os primeiros passos para a concretização desta idéia foram dados no final de 2000, quando através da mediação de uma das minhas professoras de Psicopatologia consegui aval de uma instituição da região de Maringá para que fosse realizado este ensaio. Em 5 de janeiro do ano seguinte começava a fotografar.

Portanto, as fotografias que analiso neste artigo resultaram deste projeto, iniciado em janeiro de 2001, que consistiu na realização de um ensaio fotográfico em uma instituição psiquiátrica. Neste ensaio, os objetivos foram: lançar um olhar sobre a condição humana de experimentar o transtorno mental, para me aproximar desta realidade e tentar entendê-la; construir um discurso imagético sobre a loucura, levando ao espectador uma mensagem visível que também possa conduzi-lo para mais perto dela; e estimular uma reflexão sobre quão próximos nos encontramos desta condição, que não está restrita somente àqueles que se encontram por detrás dos muros de uma instituição psiquiátrica.

Foram seis meses de convivência com pacientes, funcionários e toda a equipe do hospital. A partir do mês de junho de 2001 comecei a comentar com a equipe administrativa a divulgação do trabalho. Todavia, o que em princípio parecia favorável tornou-se obstáculo: as possibilidades de divulgação do ensaio foram recusadas, talvez pelo temor de algum tipo de denúncia ou de uma exposição maior da instituição. Neste sentido, este artigo serve, inclusive, como fórum de discussão do próprio ensaio

fotográfico. Do que se trata a loucura, o que ela envolve, qual a nossa relação com ela? Como a fotografia pode funcionar para que se entenda melhor esta realidade?

A idéia que se tem da loucura é aquela ligada ao transtorno mental, ou doença. Remete-se ao conceito clássico do louco, aquele que perdeu a consciência de si e que, doente, não se adequa mais ao convívio em sociedade, precisando ser “tratado”, para que sua identidade possa ser “restaurada”. Porém, a loucura é questão difícil de se resolver, não sendo possível “fechá-la” e resolvê-la apenas teoricamente.

Segundo Foucault (1981), é a partir do século XVII que a loucura torna-se um problema de ordem pública. No fim da Idade Média ela é encarada como um debate do homem consigo mesmo; não uma coisa que deve ser escondida, mas algo que circula, provoca temores e ao mesmo tempo fascina os homens. Ela mantém uma relação com a razão, atrelada à sabedoria, às letras e às artes. Após este período, a razão se recusa a compartilhar seu destino com a loucura; o louco não é mais aquele que circula, mas aquele que é confinado, excluído da sua relação com a razão. É o fim da boa relação entre razão e loucura.

É, portanto, em 1656, no decreto de fundação do Hospital Geral em Paris, na França, que é inventado o espaço de internamento da loucura, a estrutura visível de sua experiência. Esse problema de ordem pública inicialmente incluía todos os vagabundos, mendigos e desempregados, profanadores e libertinos. Num segundo momento, a experiência da loucura passou a ser confinada também em uma definição médica que demarcou a fronteira entre a razão e a desrazão. O médico não era convocado para cuidar dos loucos, mas para proteger os outros de tal forma que a ameaça da loucura não se transforme em uma epidemia.

Foucault (1981) também afirma que a loucura fascina o homem justamente pelas imagens fantásticas que ela inspira. Ela é uma coisa oculta, um segredo que assombra seus pesadelos e coloca o ser humano diante de sua face mais cruel. A loucura é a manifestação máxima de um sofrimento psíquico, a única reação possível a um contexto absurdo ou insustentável de comunicação. Ela pressupõe um debate filosófico, é algo com a qual

convivemos, sendo interior à razão, diferente da idéia de uma coisa oposta à normalidade. É por isso que é necessário entendê-la e se aproximar dela; uma forma de expressão que o modelo de tratamento vigente institucionaliza, não oferecendo cura, mas sim a mutilação da identidade e o estigma.

O que fixa a loucura é toda uma estrutura de linguagem, e o “louco” raciocina servindo-se de formas claras desta linguagem que fazem saltar visões da sua imaginação, imagens que representam a sua experiência. Como expressão, a loucura é uma forma de comunicar, não só pelo discurso da palavra, mas pela sua plasticidade, expressa pelo corpo no apogeu deste sofrimento psíquico. Para Cooper (1983, p.19), “a linguagem da loucura é o perpétuo deslizar de palavras para atos até se chegar ao momento em que a palavra é puro ato”. Portanto a loucura em si é pura imagem, luminosa por refletir uma estrutura de pensamento – imagens dos abismos mais profundos da alma que por vezes não encontram vazão na palavra restando apenas o corpo como ponte de ligação com o mundo externo.

A loucura é um espelho que reflete aquilo que habita na escuridão destes abismos; é representação, recorte, corte, cisão do ego colocando-o frente a frente consigo mesmo. E esta é também a função da fotografia, de ser um recorte, uma representação, de ser especular, de refletir um mundo escondido que por vezes não se percebe, o mundo que se encontra do outro lado do espelho. Ela representa uma troca do homem consigo mesmo, uma forma de ver e de ser visto.

A fotografia é documento e trabalha como um sistema de registro do mundo real, uma vez que se entende por mundo real o mundo natural, com tudo aquilo que é apreensível de ordem filosófica ou física. É, portanto, uma representação imagética deste mundo, colocando-se sempre no lugar de algo que, de acordo com Machado (1993, p.14): “Fotografar significa, antes de qualquer outra coisa, construir um enunciado a partir dos meios oferecidos pelo sistema expressivo invocado.”

Representação de uma realidade, a fotografia transmite um significado, produz sentido, provoca emoções, fala de alegrias, solidão,

dor... e por que não de loucura? A fotografia é uma ferramenta de comunicação que fala para nós, que faz a mediação entre o homem e o meio. Além disso, ela também permite que entremos em contato com nossos conteúdos mais profundos, o que propicia a abertura de lacunas e a elaboração de perguntas, as quais abrem caminhos para que possamos buscar uma reflexão e uma possível transformação da percepção.

A fotografia é um meio de documentar uma época, uma geração e assim resgatar memórias e sensações. Nas palavras de Mario Cravo Neto, “como toda forma de arte, a fotografia busca unir os homens e aproximá-los de uma idéia comum” (apud PERSICHETTI, 2000, p.16). Ela é um relé que aciona nossa imaginação para dentro de imagens mentais, que por sua vez constituem a estrutura essencial de nossa consciência.

Para Morin (1970), a imagem mental é indissociável da presença do homem no mundo ou do mundo no homem; é uma função psicológica mediadora. E é fascinante a maneira como a fotografia integra de forma magistral tamanha função. A alma e o espírito humanos encontram-se inconscientemente implicados na fotografia. Ela funciona como uma imagem material com qualidades mentais. Como representação, revela uma qualidade que o original não possui – nas palavras de Morin (1970, p.31), “uma qualidade de duplo”.

Morin (1970) define este duplo como uma “imagem espectro do homem”, isto é, uma imagem anterior à consciência de si mesmo, reflexo e sombra projetados em sonhos e alucinações e em outros tipos de imagens materiais, entre elas a fotografia, misto de reflexo e sombra. É neste duplo que o ser humano projeta suas ansiedades e temores, a sua face mais bela e sua face mais cruel.

Não seria a loucura também uma experiência do encontro do indivíduo com seu duplo? O próprio conceito da esquizofrenia pressupõe uma idéia de duplicidade, a cisão do ego do indivíduo, o rompimento da relação com a realidade externa para o início de uma relação com seu mundo interno que abriga tanto seus desejos mais profundos quanto seus medos mais aterrorizantes. A loucura implica uma regressão aos estágios mais primitivos do desenvolvimento psíquico do indivíduo.

É interessante como a fotografia também pode se comportar de forma regressiva, afinal o olhar sobre a fotografia é o do eterno retorno, uma revisitação a um instante que se perdeu no tempo e encontrou “imortalidade” na superfície sensível a luz. Trata-se de uma espécie de corte temporal, que Dubois (1993) chama de “golpe de corte”. A imagem luminosa, ao sofrer tal golpe, retorna às trevas da caixa preta para tornar-se latente e inconsciente na emulsão de uma película, para em seguida ser revelada, receber a luz novamente, tornar-se consciente, imagem manifesta e positiva.

Dubois (1993, p.326) afirma que esse exercício de regressividade na fotografia é algo que se deve buscar, é ir além daquilo que é visível, buscar o negativo no positivo, atravessar camadas, “ascender da consciência da imagem rumo a inconsciência do pensamento”. Para ele uma foto sempre esconde outra, atrás ou em torno dela; é assim que funciona o “aparelho psíquico-fotográfico”.

Então, o discurso fotográfico da loucura busca tornar possível o conhecimento do homem frente a esta sua duplicidade visível na loucura e integrada na imagem material da fotografia. Afinal a fotografia é categoria de pensamento por inteiro, e nesse seu exercício de regressão “ela constitui uma verdadeira categoria epistêmica”. (DUBOIS, 1993, p.111). Isso torna possível a construção de um conhecimento nas imagens e pelas imagens, uma vez que o ato de conhecer é resultado de processos e experiências integradas entre o mundo interior e exterior, o que permite uma articulação entre visualidade e pensamento.

Feitas as considerações acerca da loucura e da fotografia e o trânsito de idéias e conceitos entre elas, proponho a análise de algumas imagens do ensaio que serve de base para este artigo. Porém, deve-se salientar que o centro de criação do discurso fotográfico é a sua estética, e é ela que será levada em consideração para a análise dessas fotos.

Para Persichetti (2001), a estética é o próprio discurso. Ela reflete a intencionalidade do fotógrafo, seu repertório, sua formação cultural, o que transforma a fotografia no recorte que apóia sua visão de mundo, sua forma de conhecê-lo, de manter uma ligação estreita com o real e o

concreto através de seu envolvimento emocional. Sanchez Vasquez (apud PERSICHETTI, 2001) define a estética:

[...] a forma específica de apropriação humana do mundo, não se dá apenas na arte e na recepção de seus produtos, mas também na contemplação da natureza, assim como no comportamento humano com objetos produzidos com uma finalidade prático-utilitária.

Na foto abaixo (foto 1), o centro de interesse está no rosto das pessoas, no seu olhar e na proximidade entre elas. Para esta tomada foi necessário que eu me aproximasse, o que fez com que as pessoas parecessem estar dentro de um compartimento representado pelo recorte dado na tomada. Há interação de um tema uma vez que as pessoas olham diretamente para a câmera. Existe um diálogo de olhares entre fotógrafo e fotografado, o qual se estende para além desta relação no momento do ato fotográfico, o que permite a extensão deste diálogo para o fruidor, aquele que observa a imagem.



Foto 1 - Rostos
Foto: Luiz Carlos Bulla Júnior

Para este momento, tomo emprestadas mais uma vez as palavras de Foucault (1981) que – em sua obra *As palavras e as coisas* – analisa logo no primeiro capítulo a pintura de Velásquez intitulada *Las meninas*.

As considerações feitas pelo autor acerca desta pintura cabem para a fotografia a que me propus analisar:

Olhamos para um quadro de onde um pintor, por sua vez, nos contempla. Nada mais que um face-a-face, olhos que se surpreendem, olhares retos que, em se cruzando, se superpõem. E, no entanto, essa tênue linha de visibilidade envolve, em troca, toda uma rede complexa de incertezas, de trocas e de evasivas...Nenhum olhar é estável, o sujeito e o objeto, o espectador e modelo invertem seu papel ao infinito. (FOUCAULT, 1981, p.20).

Aqui não temos pintor nem pintura, mas fotógrafo e fotografia, entretanto a mensagem é a mesma. É a sensação de estar dentro do quadro, de algo intrigante e misterioso. Então a fotografia vem funcionar como elo de comunicação de dentro desta realidade para fora dela, convidando o observador a imergir na cena.

A estética do corte, do golpe sobre o espaço, implica o surgimento de algo dentro e algo fora de campo, isto é, o que aparece na foto e o que não apareceu devido à seleção do fotógrafo. Isto reforça a sensação que se quer dar de compartimentação, da existência de algo escondido, de uma realidade que não se quer enxergar, ou que se pode mostrar.



Foto 2 - Fragmentos
Foto: Luiz Carlos Bulla Júnior

O mesmo conceito estético é empregado na fotografia da página anterior (foto 2): o corte, a fragmentação, o dentro e o fora de campo. Porém, o referencial tomado leva em conta o nível corporal do paciente, uma vez que foi explicitada na parte introdutória deste texto a importância do corpo na linguagem da loucura. Para Cunha (1998, p.48), “o corpo é entendido como um meio de expressão de um conteúdo articulado, por meio do qual é possível expressar o que a palavra muitas vezes omite”.

A curvatura do corpo para dentro, em forma de concha, inspira a leitura de uma personalidade embotada, a catatonía característica dos casos de esquizofrenia. De acordo com Moffat (1986) o homem que se volta sobre si mesmo, que se isola do mundo e que adota a estratégia do autismo da esquizofrenia, fecha-se em todos os sentidos, sendo praticamente impossível entender suas mensagens, restando-lhe como forma de comunicar o seu corpo. Isto confirma sua utilização como veículo para comunicação dentro do hospital – o paciente lança mão dele para expressar sua relação com o mundo que o cerca, modelando a sua estratégia de vida. “A concha, como um ninho vazio, sugere devaneios de refúgio.” (BACHELARD, 2000, p.119).



Foto 3 - Manicômio
Foto: Luiz Carlos Bulla Júnior

Na foto 3, a temática volta-se para questões que concernem ao *habitat* manicomial, explorando o caráter instrumental da instituição. Este nível instrumental está relacionado a todo conjunto de objetos com os quais manipulamos o mundo. Incluem-se aí todos os objetos pessoais, aqueles que nos identificam, que falam sobre nós mesmos, desde roupas e calçados até ferramentas e móveis. Essa imagem fala não só da doença, mas também do abandono, da degradação, do ócio, da depressão como a única forma de suportar o contexto manicomial. A conotação é de um leito de morte, a fuga de uma realidade para outra, talvez melhor; um mecanismo de defesa.

O instrumental a que me refiro está representado aqui pela cama, o leito, o qual, segundo Moffat (1986, p.27), é o principal instrumento individual do paciente. É a única porção de espaço reconhecida como sua. O espaço interior da cama é o lugar onde ele encontra algum tipo de privacidade. O mesmo autor afirma que “ficar na cama durante o dia, quando isso é permitido, assemelha-se a ir-se do manicômio por algumas vezes”. O contra-luz e o alto contraste reforçam a densidade das áreas escuras, o que torna a imagem mais dramática.

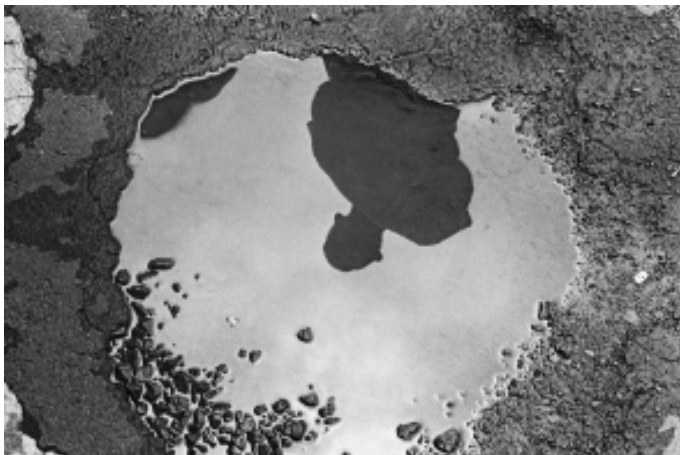


Foto 4 - Reflexos
Foto: Luiz Carlos Bulla Júnior

A foto 4 retorna para a leitura da personalidade do paciente. Para tal adotei como tema a especularidade presente em uma poça d'água. Na imagem, o que se observa é a presença do reflexo de uma pessoa, invertido e distorcido, o que torna a identificação de sua fisionomia impossível. Isto nos dá pistas para a busca de uma significação desta imagem, que revela a perda da identidade e a busca da reintegração da personalidade, prejudicada pela fragilidade do ego.

Esta é também uma imagem mitológica, pois nos guia pelo caminho de Narciso, aquele que ao observar sua própria imagem refletida em uma fonte, e acreditando ser um outro, apaixona-se por si mesmo. Daí o conceito de narcisismo, o amor dirigido à própria imagem.

Toda fotografia é narcísica, pois é especular. Isto leva à interpretação de que todo olhar sobre uma fotografia é dotado deste narcisismo. No caso específico desta foto, se a imagem observada por esta pessoa na poça d'água é seu próprio reflexo, e se a fotografia da poça é também um reflexo, então o que ela reflete será sempre a imagem do espectador que a observa, ou que nela se observa. Como em Narciso, que acredita ver outro mas é sempre a imagem de si mesmo.



Foto 5 - Silhueta
Foto: Luiz Carlos Bulla Júnior

A estética do contra-luz, da silhueta e do auto contraste, volta a ser utilizada na foto 5. O tema mais uma vez é a solidão e o abandono. A luz vinda de fora indica a separação existente – o lado de dentro e o lado de fora.

Para Bachelard (2000), o exterior e o interior formam uma dialética de esartejamento, cuja geometria nos leva para ambientes metafóricos como o da fotografia. Nada mais dilacerador e indicador de rompimento, cisão, do que uma parede, um muro. Um muro serve para separar, esconder, proteger. Proteger o quê? De quem? Proteger quem está do lado de dentro dos perigos externos, ou proteger o lado de fora dos perigos que o mundo intramuros esconde? Proteger ou esconder?

Saraceno (1996), ao discutir as formas de tratamento da doença mental, afirma que no sistema psiquiátrico o que ainda se busca é o entretenimento do doente. Ele é entretido no sentido de ser inserido dentro de um sistema de tratamento ou, nas próprias palavras do autor:

Na espera de que a doença passe sozinha ou que o doente morra doente ou, enfim, de que o doente piore, este vem entretido, com dureza e plenitude de significado, ‘dentro’ do hospital psiquiátrico (e além: dentro da enfermaria fechada, dentro da cela forte, dentro das faixas de contenção, dentro da solidão, dentro da violência dentro da miséria). (SARACENO, 1996, p.16).

Pode-se dizer então que o paciente se encontra “entretido”, uma vez que se entende por entreter a idéia de “ter dentro”. Para este autor, esta estratégia do “entretenimento” é algo que se deve buscar quebrar e mover-se rumo a ações que sejam realmente transformadoras na vida do paciente.

Na foto 6, para criar o efeito de movimento, priorizei o uso de baixa velocidade no obturador da câmera. O obturador é o mecanismo da câmera fotográfica que controla o tempo que o filme ficará exposto à ação da luz. Quanto maior o tempo de exposição, mais baixa será a velocidade de obturação e conseqüentemente maiores serão os efeitos da luz sobre o filme, como os borrões que aparecem nesta foto devido

à movimentação das pessoas. E foi justamente este o objetivo: dar a sensação de movimento de maneira que a imagem ficasse confusa causando a impressão de que tudo estivesse se desintegrando. Isso representa mais uma vez a fragilidade do ego na loucura, a confusão mental de uma personalidade caótica.



Foto 6 - Movimentos
Foto: Luiz Carlos Bulla Júnior



Foto 7 - Linguagem corporal 1
Foto: Luiz Carlos Bulla Júnior



Foto 8 - Linguagem corporal 2
Foto: Luiz Carlos Bulla Júnior

As fotos 7 e 8 concluem esta metáfora fotográfica sintetizando a complexidade da situação da loucura, que revela um ser humano fragmentado que se usa de artifícios de uma estrutura de linguagem para reintegrar a totalidade de sua personalidade.

Considerações finais

Não posso deixar de fazer considerações sobre a escolha do preto e branco para a execução destas fotos, que constituiu um importante elemento estético na realização deste trabalho. Por ser o oposto da fotografia em cores, ele também se opõe ao que se vê na realidade, afinal o mundo que percebemos é colorido, e assim o preto e branco propõe uma leitura diferente do mundo, daquilo que não se enxerga ou daquilo que não se quer enxergar. A cor distrai os olhos, portanto as chances de conseguir uma fotografia com uma linguagem forte são muito maiores no preto e branco do que na fotografia em cores.

Ainda sobre a fotografia em preto e branco, o fotógrafo suíço-americano Roberto Frank diz que ela “traz consigo paradoxalmente a esperança e a desesperança”, sendo, portanto, fruto de uma contradição. Aliás, a fotografia em si é uma contradição, ela é a presença de uma ausência, ou, como diz Kempe (apud KOSSOY, 1999), ela é “signo da presença imaginária de uma ausência definitiva”. Ou ainda, é o registro presente de um passado que não existe mais. Contradições, presença e ausência, presente e passado, mortalidade e imortalidade, vida e morte, razão e desrazão, normal e anormal, sanidade e doença. Loucura: aquilo que nos parece tão distante e que na realidade está surpreendentemente tão próximo.

A partir da execução deste ensaio passei a considerar que a loucura é muito mais do que o traço de uma razão desaparecida. Além de ser expressão de um sofrimento psíquico, é reveladora de verdades humanas. Fala da possibilidade do desastre das faculdades do homem, expressa na desordem de sua linguagem e de seu comportamento. Revela quão frágeis somos frente às nossas próprias ansiedades; que o homem é muito mais complexo do que aparenta ser e que somos muito mais do que mostramos.

Edinger afirma que “a loucura é o bastidor da vida” (apud PERSICHETTI, 2000, p.127). E tal como a Psicologia, o discurso fotográfico da loucura busca descobrir o que há por trás deste palco que é a vida, o que pode ser revelado a partir da “câmara obscura” da mente humana. Samain (1998) afirma que o discurso fotográfico é um discurso interior, um discurso do silêncio, que faz refletir e pensar, pois é especular.

O que espero com essas fotografias é que a imaginação do espectador seja acionada para dentro da loucura e que, mesmo que não consigam explicar, pelo menos façam-no pensar. Que o silêncio que reside nestas imagens seja a força motriz deste exercício de imaginação. Silêncio que para Henri Cartier-Bresson contém um segredo, que a fotografia tem por objetivo tentar fixar e que constitui a essência do diálogo do olhar.

Referências

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial, Palmarinca, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

COOPER, David. **A linguagem da loucura**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CUNHA, Kátia Castilho. **A plástica do corpo**. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1998.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

MACHADO, Arlindo. Fotografia em mutação. In: **Nicolau**, ano 7, n.49, jul./ago. 1993, p.14-15.

MOFFAT, Alfredo. **Psicoterapia do oprimido: ideologia e técnica da psiquiatria popular**. Tradução por Paulo Esmanhoto, 6. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

PERSICHETTI, Simonetta. **Imagens da fotografia brasileira.**

2. ed. São Paulo: Senac, 2000. V.1.

PERSICHETTI, Simonetta. **A poética no olho crítico:** a estética como formadora de discurso na fotografia documental latino americana. 2001.

Tese (Doutorado em Psicologia Social). – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico.** São Paulo: Hucitec, 1998.

SARACENO, Benedetto. **Libertando identidades:** da reabilitação psicossocial à cidadania possível. São Paulo: Instituto Franco Basaglia, 1996.